
OS SENTIDOS DO TRABALHO: UMA ANÁLISE CIRCUNSCRITA AO TRABALHO DOS DOCENTES DE DUAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR EM SALVADOR

JARDEL MESSIAS SILVA [jardel.ms@live.com] E JAILSON BRAGA [jailsonbraga@terra.com.br]

Recebido em 15/abril/2014
Aprovado em 10/maio/2014
Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*

RESUMO

Este artigo visa evidenciar a percepção dos docentes de dois grupos de ensino superior nas suas unidades localizadas em Salvador-Bahia, em relação aos sentidos do trabalho, enfocando a autonomia, autodeterminação e liberdade, categorias utilizadas por Antunes (2007). Partiu-se nessa análise dos resultados obtidos em uma pesquisa de campo através da aplicação de um questionário com 47 docentes das duas IES. Os resultados revelam que as categorias utilizadas necessitam de adaptação. Nesse estudo foi possível verificar que o trabalho possui um sentido contraditório, sendo para alguns um instrumento de prazer e realização, e para outros, uma forma de sustento e sobrevivência.

PALAVRAS-CHAVE: Sentidos do Trabalho. Docência. Ensino Superior

1 INTRODUÇÃO

O trabalho pode, para muitos autores, ser visto como elemento estrutural nas distintas formações sociais. Por isso, contempla significados diversos e assume formas distintas de organização e materialidade, considerando o contexto histórico. Na contemporaneidade, o trabalho ocupa um lugar central na vida das pessoas, influenciando a relação com a sociedade e adquirindo dimensão dúplice e contraditória, ao mesmo passo que ele cria, humaniza, libera e emancipa, todavia subordina, degrada, escraviza e aliena. Sendo assim, essa dupla dimensão manifesta complexas relações (ANTUNES, 2007, 2011b; DOURADO et al, 2009; MARX, 1982; SILVA; YAZBEK, 2008; BORGES; YAMAMOTO, 2004, BENEVIDES, 2012).

As transformações sociais associam novas formas e significados para o trabalho, provocando reflexos sobre as relações sociais. A temática do trabalho é atestada por diferentes ciências, disciplinas e autores, os quais atestam sua complexidade. Oliveira e Mendonza (2007) advertem que “os sentidos do trabalho em discussão” é um debate que se arrasta por três décadas, envolvendo o posicionamento de Gorz, Off, Habermas, Castel, Beynon, Oliveira e Antunes. Esse debate alimenta-se de novas evidências e de novas abordagens, mas continua em aberto. “[...] as abordagens sobre o futuro do trabalho [...] têm colocado em inquestionável evidência, no mundo inteiro, o tema do trabalho no debatesociológico, filosófico, econômico, entre outras disciplinas (OLIVEIRA; MENDONZA, 2007, p.8).”

No campo da psicologia, em trabalhos publicados no Brasil, a dimensão ‘sentidos do trabalho’ é pesquisada por autores diversos, tais como Morin (2001, 2002), Morin et al (2003), Andrade, Tolfo e Dellagnelo (2012), Coutinho (2009), Natividade e Coutinho (2012), Dal Magro e Coutinho (2008), Luchese et al (2010), Araújo e Sachuk (2007), entre outros. São trabalhos que derivam dos estudos do grupo Meaning of Work (MOW) e/ou que avaliam uma perspectiva do indivíduo, o que não interessa, enquanto

campo de pesquisa, aos autores desse trabalho, que buscam uma vertente sociológica (BENEVIDES, 2012).

No campo da sociologia nota-se o trabalho seminal do professor Ricardo Antunes denominado “Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho”. Antunes (2007) reafirma a centralidade do trabalho, destacando a complexificação do mundo do trabalho e criticando a posição daqueles que a negam. O autor fala da autonomia, autodeterminação e liberdade como condições para dar sentido ao trabalho, certamente atribui-se a elementos que conferem sentidos positivos. Refere-se à possibilidade de execução de um trabalho concreto, evidenciando, portanto, a admissão de responsabilidades e a realização da função ou exercício que não seja somente remunerado. Busca-se neste artigo, além de entender as percepções sobre autonomia, autodeterminação e liberdade, identificar representações outras que estes trabalhadores atribuem ao seu trabalho de modo a estabelecer subcategorias para o trabalho de Antunes.

Com base nestas concepções, este estudo traz como questão de pesquisa: **Quais os significados do trabalho para os docentes vinculados às IES estudadas?** Seu objetivo geral pode ser sintetizado como um esforço em se delinear os significados do trabalho para os docentes vinculados as IES A e B, tendo para tanto como objetivos específicos: delinear o perfil dos docentes que trabalham nas IES estudadas; identificar a percepção dos respondentes em relação ao trabalho de modo geral; identificar as diferentes perspectivas atribuídas ao docente; e testar as categorias autonomia, autodeterminação e liberdade com essa categoria de trabalhadores.

Estruturalmente, além desta introdução, o texto apresenta sua base conceitual ancorada nos conceitos-chave de trabalho e seus significados; a seguir, apresentam-se o percurso metodológico e os resultados da pesquisa de campo, subdivididos na caracterização do segmento, no atual contexto, e na análise dos significados do trabalho para os docentes; finaliza-se o artigo com a síntese dos principais achados, limitações e possíveis linhas de continuidade ao artigo.

2 TRABALHO E SEUS SIGNIFICADOS

O trabalho é analisado de diferentes perspectivas conforme destaca Dias (2009): a divisão do trabalho de Durkheim; a ética do trabalho para Weber; a miséria do trabalho alienado e a utopia do trabalho humanizador de Marx; a escravidão que leva ao amor ao trabalho de Lafargue; a corrosão do caráter através do trabalho no novo capitalismo com Sennet; e a transformação do trabalho e do emprego na sociedade em rede de Castells (2002). “A alegria de trabalhar, o prazer, o sofrimento, a invenção do trabalho e a sua organização nos leva a refletir sobre diferentes contextos e chaves de compreensão dos sentidos que se entrelaçam subjetivamente” (DIAS, 2009, p. 33).

Entender o trabalho no passado e no presente depende da compreensão dos símbolos de culturas e dos espelhos de poder. O trabalho pode ser glorificado ou desprezado dependendo do poder social mais amplo (DIAS, 2009). Ou seja, do contexto econômico, político e social.

A forma como o indivíduo se relaciona com o seu trabalho faz com que este ganhe significados diferentes. Mesmo exercendo funções semelhantes nenhum homem trabalha da mesma forma. Apropriam-se do trabalho de maneira diferente e sustentam essa diferença pela for-

ma como convivem em seu meio social, com a sua cultura e época histórica (DIAS, 2009). Assim, o trabalho significa uma experiência humana complexa e não encerra um significado comum ou universal. É necessário aprofundar na análise do conceito a partir do grupo social, inserido no seu contexto - historicidade e experiências, que ao mesmo tempo se constituem em transformações de sentido.

Antunes (1995 e 1999 apud OLIVEIRA e MENDONZA, 2007) se opõe à tese do fim do trabalho na sociedade atual, para ele seria inadmissível supor-se a extinção do trabalho social. A sociedade atual, mais do que nunca, se afirma como produtora de mercadorias, as quais derivam da atividade manual e/ou intelectual que decorre do trabalho humano em interação com os meios de produção. O equívoco dos que advogam aquela proposição estaria, segundo o autor, em não considerar a distinção feita por Marx entre trabalho abstrato (“dispêndio de força humana de trabalho”, que cria o valor de troca das mercadorias) e trabalho concreto (que na qualidade de trabalho útil, produz valor de uso).

O trabalho é a matriz fundante do ser social, uma vez que ele se constitui em mediação entre o ser natural e o ser social. Além disso, é através do trabalho que são produzidos os bens materiais necessários à existência humana, sendo, portanto, a base a partir da qual se estrutura qualquer forma de sociabilidade. O trabalho concreto, produtor do valor de uso, foi, é, e sempre será uma necessidade humana e uma forma positiva de auto expressão do próprio homem (MARX, 1982; TONET; NASCIMENTO, 2009; ANTUNES, 2007; PADILHA; CARNEIRO, 2009). Para além da produção do valor de uso, segundo Sennett (2009a), a realização do trabalho [concreto] traz recompensas de natureza subjetiva. Para o referido autor, são duas as recompensas: a primeira, diz respeito à criação do vínculo com a realidade tangível e a segunda aponta para a possibilidade de gratificação, de orgulhar-se do seu trabalho. No processo de realização do trabalho, o indivíduo realiza-se e mostra-se engajado como ser humano. Sennett (2009, p. 30) fala-nos do sentido do trabalho resgatando a imagem do artífice, pois este “[...] representa uma condição humana especial: a do engajamento.” O trabalho assim posto, tem a potencialidade de permitir ao homem expressar as suas forças essenciais e construir-se como um ser autenticamente humano, afirmam Tonet e Nascimento (2009).

O entendimento da substituição do trabalho individual do artesão pelo trabalho abstrato, leva à compreensão do processo de alienação do trabalhador. A propriedade dos instrumentos e dos produtos finais do seu trabalho possibilitava ao artesão conservar uma identidade individual, pois este impunha à sua produção sua marca particular e vivia seu trabalho como exercício imediato da sua autonomia. À medida em que seus produtos passaram a ser fabricados com a finalidade única de serem vendidos no mercado – mercadorias – o artesão conheceu a experiência da alienação. Alienado como proprietário e comerciante de produtos, ainda permanecia soberano no interior do seu trabalho. “[...] como criador e produtor, transformando e dando forma à matéria segundo métodos e ritmos que, dentro de certos limites, lhe eram particulares.” (GORZ, 1980, p. 34). O seu ofício lhe conferia uma identidade e lugar próprio na sociedade. A intensificação da mercadorização levou a proletarização do indivíduo. Despossuídos de instrumentos e de ofícios, forçado a executar uma quantidade determinada de trabalho em troca do salário, o trabalhador conheceu então a noção de assalariamento.

Com efeito, no processo de desenvolvimento histórico, o trabalho concreto assumiu formas contraditórias, em função da opressão e exploração do trabalhador, o trabalho que cria riqueza, arte e beleza – manifestação da potência humana – metamorfoseou-se naquele que produz pobreza, miséria, degradação e desumanização. Desse modo, o significado do trabalho é historicamente determinado, e, portanto, não conatural. Surge e se constitui como resultado da divisão social do trabalho, que, nesse caso particular do modo de produção capitalista, opera a subordinação estrutural do trabalho ao capital (TONET; NASCIMENTO, 2009; ANTUNES, 2007).

Mészáros (2009a) afirma que, nesse processo, o homem é violentamente separado do poder de tomada de decisão, o que impede a participação significativa dos indivíduos sociais na constituição da totalidade, transformando o trabalho vivo em trabalho abstrato, excluindo o trabalho da propriedade e invertendo a lógica societal: “[...] o capital assume, em seu processo, uma lógica onde o valor de uso das coisas foi totalmente subordinado ao seu valor de troca.” (ANTUNES, 2007, p. 17). Assim, “A divisão do trabalho privilegia as partes, e não os conjuntos” (SENNETT, 2009, p. 59). O capital encontra sua base de existência sobre a sujeição do trabalho, acumulando-o, objetivando-o e alienando-o.

Paniago (2007) adverte que o comando do capital sobre o trabalho opera uma subversão da relação sujeito-objeto, isto porque na relação de dominação que estabelece com o trabalho alienado, usurpa do trabalhador todo o poder de decisão e substitui as necessidades humanas conscientemente definidas, por seus ditames de autovalorização - compulsão de produzir o trabalho excedente, ou seja, trabalhar além das necessidades imediatas do indivíduo. Neste sentido, o trabalho aparece apenas como um meio para o processo de valorização, desaparecendo o poder de decisão do trabalhador sobre o conjunto de sua atividade sócio produtiva. O trabalhador torna-se assim um objeto manipulável pelo capital e uma parte subordinada, ou seja, um fator material de produção que exerce de modo empobrecido, alienado e desumanizado, as funções do trabalho vivo (MÉSZÁROS, 2009a). O trabalhador torna-se um “[...] mero dente da engrenagem da máquina produtiva do sistema do capital [...]” (PANIAGO, 2007, p. 30) e o trabalho um fim em si mesmo. Ou seja, transforma o sujeito real da produção em um objeto manipulável do capital, objetificando ou coisificando o trabalhador.

Sennett (2009) chama atenção para o fato de que no processo de desenvolvimento histórico, no ocidente, a atividade prática foi menosprezada e desvinculada das ocupações ditas como mais elevadas. A habilidade técnica foi separada da imaginação, colocando, a religião, a realidade tangível em dúvida e fazendo com que o orgulho pelo próprio trabalho fosse um luxo, pois poucos são os trabalhadores que no contexto atual podem escapar da perversa circularidade do sistema do capital.

Levando-se em consideração a perspectiva social e a fim de dar direcionamento à pesquisa de campo, esse trabalho partiu então da publicação “Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho” de Antunes (2007), nesta obra o autor afirma que o trabalho para ser dotado de sentido deve ser autônomo, autodeterminado e livre. A fim de explicar seu posicionamento Antunes recorre a Lukács (1980 apud ANTUNES, 2007) explicando que Lukács entende que para produzir-se como gênero humano, o ser social elabora o seu trabalho pelo processo de autoatividade e autocontrole, isto porque a autoatividade e o autocontrole fazem com que o indivíduo salte da sua origem natural, baseada

em instintos, para uma produção e reprodução como gênero humano, o que lhe permite trilhar o caminho da liberdade.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Metodologicamente optou-se pela intensificação da pesquisa bibliográfica sobre sentidos do trabalho no Brasil, para a partir de então iniciar a fase de pesquisa de campo com essa categoria de trabalhadores.

Faz-se necessário explicitar que os resultados apresentados são: limitados, parciais e fazem parte de uma etapa maior de pesquisa, sendo, portanto, útil apenas como estudo preliminar, ou seja, uma primeira análise.

Este artigo caracteriza-se por um estudo exploratório, tendo sido realizado com os docentes de dos dois maiores grupos privados de ensino superior no Brasil. Justifica-se esta opção pela importância de se estudar de forma mais detalhada os significados do trabalho para diferentes categorias profissionais.

O número de entrevistados foi definido utilizando o critério de acessibilidade: aqueles que aceitaram participar da pesquisa, após exposição dos objetivos da mesma. Esse número se justifica principalmente por se tratar de uma pesquisa, com objetivo de uma primeira análise.

Após consulta aos sujeitos de pesquisa, obteve-se consentimento de 47 respondentes. Os questionários foram aplicados entre os fevereiro e março de 2013. Os dados coletados foram tabulados no Sphinx Plus e seguem analisados.

4 OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA DOCENTE

Este capítulo busca apresentar os resultados da pesquisa de campo realizada com os 47 docentes que aceitaram participar desta etapa da pesquisa. Antes, entretanto, cabe apresentar as instituições pesquisadas dado contexto econômico, político e social, que pode influenciar os resultados em função da especificidade de mudanças na atualidade. Essa seção está subdividida em duas subseções.

4.1 IES PRIVADAS NO CONTEXTO NACIONAL

A verticalização das estruturas capitalistas na última década, processo constituído através de fusões, aquisições e privatizações, tem se estabelecido como peça fundamental na concentração do capital no contexto atual do modo de produção capitalista, tornando-se uma importante estratégia de acumulação das empresas capitalistas. O setor de serviços passou a adotar a aquisição como forma de expansão, refletindo-se em importantes transações no setor de telefonia, bancos e mais recentemente educação superior (BENEVIDES, 2012).

A educação superior privada no Brasil vem passando intensamente pelo processo de fusões e aquisições nos últimos cinco anos. Trata-se de um setor no qual este fenômeno tem estado em grande evidência. Este setor chama a atenção não apenas pela frequência de transações, mas também pelo porte de algumas delas, fazendo com que a adoção da estratégia de crescimento aquisitivo elevasse empresas brasileiras ao conjunto das maiores instituições de educação superior do

mundo em número de alunos e mais recentemente em valor (SAFARTI, SHWARTZBAUM, 2013).

As fusões e aquisições ganham destaque como o principal instrumento de investimentos diretos no mercado educacional. Observa-se nos últimos anos negociações de Instituições de Ensino Superior (IES) lastreadas em capital estrangeiro e fundos de investimento que implicam em uma grande e inédita concentração e oligopolização de empresas educacionais. A principal característica de incorporações realizadas por fundos de investimentos é a capacidade que os mesmos possuem de injetar recursos financeiros em valores significativos, tendo-se como implicação a racionalização administrativa e a redução de custos como premissas da profissionalização da gestão (PARMEZANI, 2013).

Embora o UNCTAD (2010) afirme que o Investimento Estrangeiro Direto (IED) tenha o potencial de gerar emprego, aumentar a produtividade, transferir conhecimentos especializados e tecnologia, aumentar as exportações e contribuir para o desenvolvimento econômico em longo prazo nos países em desenvolvimento, observa-se que as operações de IED representam estratégias para promover e permitir a conquista de novos mercados, fortalecendo a firma com ganhos de escala e “sinergia”, aumentando a centralização e concentração de capital em setores e países. Assim, o capital internacional tem direcionado recursos para o mercado emergente, o que inclui diversos países da América Latina, com destaque para o Brasil.

No Brasil, os grupos A e B, assim denominados nesta pesquisa, se constituem nos dois mais importantes grupos educacionais atuantes no país na contemporaneidade, sendo, portanto casos típicos de concentração de capital através de aquisição, via IED. O Grupo A é formado por mais de 65 instituições, que oferecem cursos presenciais e on-line. Com mais de 750 mil estudantes está presente em 29 países da América do Norte, América Latina, Europa, África do Norte, Ásia/Pacífico e Oriente Médio. As instituições do Grupo A oferecem centenas de programas de graduação, mestrado e doutorado. O Grupo B é o braço educacional da Adviser, um dos maiores fundos globais de investimento, que adquiriu ações de dois outros grupos nacionais. Ressalta-se aqui, que nenhum desses grupos tem capital exclusivamente brasileiro (OPERAMUNDI, 2013).

Safarti e Shwartzbaum (2013) afirmam que na educação privada a possibilidade de exploração da educação como um negócio é, por si só, um tema bastante polêmico no mundo acadêmico, pois a educação é tema de interesse que uma grande quantidade e diversidade de atores [alunos, a sociedade civil, o Estado, os professores, os gestores e os demais funcionários ou empregados das instituições de ensino e investidores privados]. A reestruturação do setor educacional privado, no atual cenário da globalização, afeta todos os trabalhadores vinculados ao segmento, destacando-se neste estudo os docentes.

Para Luchese (2010), as Instituições de Ensino Superior enfrentam a missão de formar, além de profissionais ao mercado de trabalho, cidadãos para a sociedade. Para isso acontecer, a autora defende que o professor deve estimular; sugerir; e construir debates motivadores, porque dessa forma, o papel docente tenha maior sentido.

É no contexto de profissionalização da gestão, que se intensifica a exploração do trabalho dos docentes desencadeando a insegurança quanto à manutenção dos seus postos de trabalho, o que potencializa a insegurança e instaura um clima de estresse emocional, expondo-os a desgastes, com reflexos orgânicos que repercutem na sua qualidade e produtividade.

4.2 PERSPECTIVAS SOBRE O TRABALHO PARA DOCENTES

Após consulta aos sujeitos de pesquisa, obteve-se consentimento de 47 docentes, sendo 47% respondentes do Grupo A e 53% do Grupo B.

GRÁFICO 1 – Instituição de origem



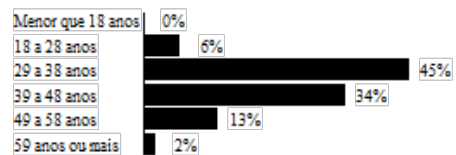
FONTE: Elaboração própria, a partir de dados coletados em pesquisa de campo (2014).

A amostra pode ser caracterizada como: 47% do sexo masculino e 53% feminino; idade compreendida entre 29 e 48 anos [79%]; conforme gráficos 2 e 3 respectivamente.

GRÁFICO 2 – Sexo



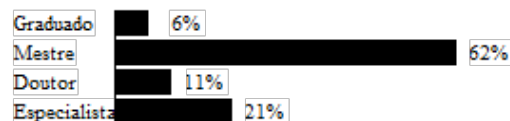
GRÁFICO 3 – Idade



FONTE: Elaboração própria, a partir de dados coletados em pesquisa de campo (2014).

Os respondentes possuíam a seguinte titulação: 6% de graduados, 21% de especialistas, 62% de mestres e 11% de doutores, com formação em áreas distintas que incluem ciências sociais aplicadas, saúde e engenharias. Os docentes pesquisados possuem formação acadêmica básica em áreas distintas do conhecimento, havendo a concentração de 51% em Administração, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis.

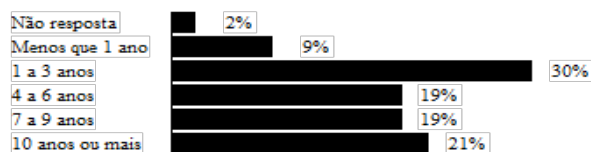
GRÁFICO 4 – Titulação



FONTE: Elaboração própria, a partir de dados coletados em pesquisa de campo (2014).

De forma também diversificada apresentou-se o tempo de docência. Para as categorias definidas os percentuais encontrados não superaram 30% [1 a 3 anos], apresentando assim uma distribuição pulverizada, com destaque para apenas 9% com menos do que 1 ano, conforme gráfico 05.

GRÁFICO 5 – Tempo de docência



FONTE: Elaboração própria, a partir de dados coletados em pesquisa de campo (2014).

Quanto ao período de vínculo à instituição, a maior frequência está na classe de 1 a 3 anos [40%], seguida de menos de 1 ano ou 10 anos ou mais com 17% cada, sendo as demais classes situadas em 13%. A maioria dos pesquisados possui vínculo empregatício [96%], sendo a amostra composta por 81% de professores e 19% de coordenadores, já que não se teve acesso aos diretores das IES [Gráficos 06, 07 e 08].

GRÁFICO 06 – Tempo de Vinculação a Instituição

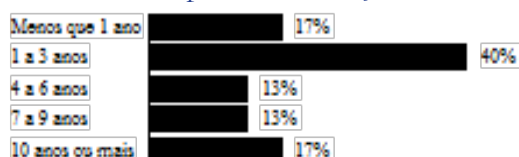


GRÁFICO 07 – Forma de Vinculação

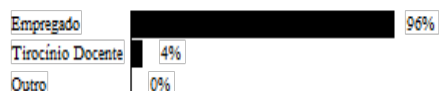
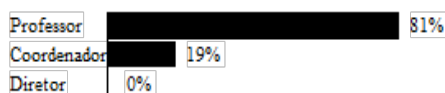


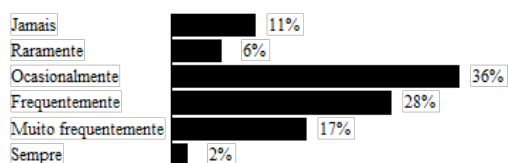
GRÁFICO 08 – Cargo Ocupado



FONTE: Elaboração própria, a partir de dados coletados em pesquisa de campo (2014).

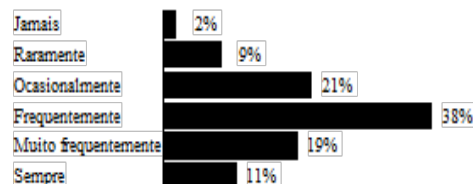
Ao serem questionados em relação aos sentidos do trabalho, utilizando-se as categorias de análise apontadas por Antunes (2007), verificou-se com relação a autodeterminação os respondentes apontam, com 11% das respostas, que jamais autodeterminam seu trabalho e 38% afirmam que frequentemente têm autonomia para realização das atividades. Os indicadores de muito frequentemente e sempre aparecem com baixo nível de indicação para as duas categorias.

GRÁFICO 9 - Autodeterminação



FONTE: Elaboração própria (2014).

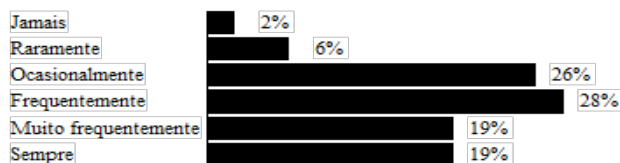
GRÁFICO 10 - Autonomia



FONTE: Elaboração própria (2014).

Quanto a categoria liberdade observa-se um reconhecimento maior dessa categoria de trabalhadores para o exercício do trabalho com liberdade, pois 28% afirmam que frequentemente exercem suas atividades com liberdade e 19% afirmam sempre possuir liberdade.

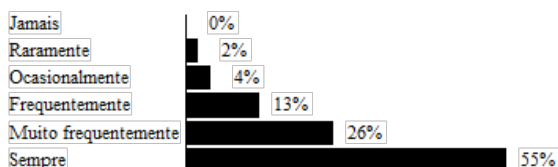
GRÁFICO 11 – Liberdade



FONTE: Elaboração própria (2014).

Ao serem questionados sobre a frequência que o trabalho docente faz sentido para o questionado, nota-se uma grande satisfação dos professores, onde 55% afirmam que ser professor faz sentido sempre. A falta de sentido do trabalho para os docentes é quase nula, pois apenas 2% destes apontam que raramente se questionam sobre esta questão.

GRÁFICO 12 – Sentido do Trabalho Docente



FONTE: Elaboração própria (2014).

Para melhor compreender quais significados essa categoria atribuiu ao trabalho foram realizados questionamentos sobre o trabalho, a saber: significado do trabalho, significado do trabalho docente, e ser professor. A partir das palavras apontadas, foram constituídos os quadros 1, 2, e 3, apresentados a seguir.

QUADRO 1 - Significados sobre : Trabalho, Trabalho Docente e Ser professor

TRABALHO			TRABALHO DOCENTE			SER PROFESSOR		
Palavra	Quant	%	Palavra	Quant	%	Palavra	Quant	%
Prazer	6	14%	Realização	6	13%	Realização	10	22%
Realização	6	14%	Prazer	5	7%	Dedicação	6	13%
Sobrevivência	5	11%	Aprendizado	2	4%	Prazer	5	11%
Sustento	4	9%	Construção	2	4%	Satisfação	2	4%
Vida	4	9%	Crescimento	2	4%	Vida	2	4%
Dignidade	2	5%	Dedicação	2	4%	Amor	1	2%
Necessidade	2	5%	Missão	2	4%	Aprendiz	1	2%
Satisfação	2	5%	Responsabilidade	2	4%	Aprendizado	1	2%
Amor	1	2%	Sacerdócio	2	4%	Cérebro	1	2%
Crescimento	1	2%	Vida	2	4%	Compartilhamento	1	2%
Dedicação	1	2%	Alergia	1	2%	Construção	1	2%
Emprego	1	2%	Amor	1	2%	Desrespeito	1	2%
Estrutura	1	2%	Angústia	1	2%	Educador	1	2%
Fragilidade	1	2%	Arte	1	2%	Enlouquecer	1	2%
Motivação	1	2%	Cobrança	1	2%	Formação	1	2%
Responsabilidade	1	2%	Compromisso	1	2%	Formador	1	2%
Sacerdócio	1	2%	Conhecimento	1	2%	Missão	1	2%
Sufrimento	1	2%	Dificuldade	1	2%	Orientação	1	2%
Sustentabilidade	1	2%	Dor	1	2%	Paixão	1	2%
Sustentação	1	2%	Entrega	1	2%	Pressão	1	2%
Trabalho	1	2%	Formação	1	2%	Referência	1	2%
			Investigação	1	2%	Responsabilidade	1	2%
			Legado	1	2%	Tudo	1	2%
			Paixão	1	2%	Útil	1	2%
			Reconhecimento	1	2%	Viabilizador	1	2%
			Satisfação	1	2%			
			Sobrevivência	1	2%			
			Sustento	1	2%			
			Trabalho	1	2%			
			Viver	1	2%			

Quantidade de valores diferentes: 21
Realização' é o mais citado: 6 observações.
Há 3 não-respostas.

Quantidade de valores diferentes: 30
Realização' é o mais citado: 6 observações
Há 2 não-respostas

Quantidade de valores diferentes: 25
Realização' é o mais citado: 10 observações
Há 2 não-respostas

FONTE: Elaboração própria (2014).

Para os docentes os sentidos apontados para o trabalho, desvinculado do exercício profissional, aparecem tal qual afirmam Tonet e Nascimento (2009) e Antunes (2007), ou seja, o significado do trabalho é historicamente determinado, e, não conatural. Resulta da divisão social do trabalho do modo de produção capitalista e opera a subordinação estrutural do trabalho ao capital. Assim, são apontados sentidos de imposição do trabalho. O trabalho que garante a sobrevivência, o sustento, a independência e a estabilidade. Traduz-se ainda em uma responsabilidade cuja recompensa é uma necessidade. O trabalho é visto na perspectiva do assalariamento - trabalho abstrato, ou seja, o trabalho despido de suas especificidades e considerado como simples despesa de energias humanas, manifestando-se no valor de troca.

Ao buscar os significados do trabalho vinculados aos docentes das duas Instituições de Ensino Superior em Salvador observa-se que os diferentes sentidos apontados pelos respondentes são permeados pelos valores institucionais.

Ao avaliar o posicionamento quanto ao significado de ser um docente há posições contraditórias. Os significados positivos assemelham-se aos apontados anteriormente e são: prazer, realização, dedicação, prazer, legado, responsabilidade, aprendizado, construção, crescimento, missão, arte, amor e sacerdócio. São significados também vinculados aos valores institucionais. Entretanto, alguns apontam o trabalho como sustento, necessidade, fragilidade, sofrimento, angústia, dificuldade, dor, pressão, enlouquecer, desrespeito e cobrança. Aspectos que merecem atenção, principalmente porque é um exercício acompanhado de motivação. Como relata Luchese (2000), a motivação não é adquirida com treinamentos ou cursos, porém é intrínseca ao indivíduo. Além disso, o papel do docente é relacionado sempre a um formador, sendo indispensável a toda sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar identificar os sentidos do trabalho para docentes vinculados as duas IES de Salvador, verificou-se que a análise a partir das categorias estabelecidas por Antunes (2007) merece uma melhor investigação. Caberia aí um aprofundamento para avaliar, inclusive, a possibilidade de desdobramento das categorias, com adaptação das terminologias. Esse aspecto identificado no percurso não invalida o estudo, principalmente porque este é um estudo preliminar e de caráter exploratório. Sendo assim trata-se de uma importante constatação que deverá contribuir para os próximos levantamentos e análises.

Em relação ao perfil dos docentes, os resultados apontam para respondentes qualificados com experiência significativa em suas atividades, em função do tempo em que estão vinculados às instituições de ensino.

Quanto à percepção dos respondentes em relação ao trabalho de modo geral observa-se que os respondentes atribuem ao trabalho um significado que proporciona prazer, realização, sobrevivência, aprendizado, satisfação e sustento.

Ao identificar as diferentes perspectivas atribuídas ao trabalho docente observa-se uma influência significativa da satisfação com a natureza da atividade, sendo realização a palavra com maior incidência.

Ao testar as categorias autonomia, autodeterminação e liberdade verificou-se a necessidade de subdivi-

são em subcategorias, bem como a aplicação de uma pesquisa de campo com uma amostra significativa para o universo estudado, o que permitirá, na etapa futura realização de cruzamentos e análises estatísticas com rigor metodológico.

Assim, dados os resultados ora apresentados pode-se afirmar que os significados do trabalho para os docentes das instituições de ensino revertem-se de sentimentos contraditórios a depender do questionamento, corroborando com o posicionamento de Sennett (2009a) quando afirma que a realização do trabalho [concreto] traz recompensas de natureza subjetiva, pois são duas as recompensas: a criação do vínculo com a realidade tangível e a possibilidade de gratificação, do orgulho do indivíduo em relação ao seu trabalho. A segunda recompensa, dadas as condições históricas e materiais, fica comprometida em função da precarização do próprio trabalho e condições do trabalho do docente na atualidade.

Reconhecendo ser este um trabalho preliminar e de estudo multicaso, cabe destacar as suas limitações: Não cabem generalizações e requer a redefinição das categorias de análise para um estudo mais aprofundado.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. P. C. De, Tolfo, S. Da R., & Dell agnelo, E. H. L. **Sentidos do Trabalho e Racionalidades Instrumental e Substantiva: In terfaces entre a Administração e a Psicologia.** Revista de Administração Contemporânea, v.16, n.02. 2012.

ANTUNES, Ricardo. **Trabalho, reestruturação produtiva e algumas repercussões no sindicalismo brasileiro.** In: ANTUNES, R. (Org.). Neoliberalismo, trabalho e sindicatos. São Paulo: Boitempo, 2002a.

_____. **Trabalho e superfluidade.** In: LOMBARDI, J. C., SANFELICE, J. L., SAVIANI, D. (Org.). Capitalismo, trabalho e educação. Campinas: Autores Associados, HISTEDBR, 2002b.

_____. **A nova morfologia do trabalho e suas principais tendências.** In: ANTUNES, R. (Org.). Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II.. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **A nova morfologia do trabalho e o desenho multifacetado das ações coletivas.** In: SANTANA, Marco Aurélio; RAMALHO, José Ricardo (Orgs.). Além da fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. **A desertificação neoliberal no Brasil.** 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005a.

_____. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2005b.

_____. **A era da informatização e a época da informalização: riqueza e miséria do trabalho no Brasil.** In: ANTUNES, R. (Org.). Riqueza e miséria do trabalho no Brasil.. São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **As formas contemporâneas de trabalho e a desconstrução dos direitos sociais.** In: SILVA,

Maria Ozanira da Silva; IAZBECK, Maria Carmelita (Orgs.). Políticas públicas de trabalho e renda no Brasil contemporâneo. 2. ed. São , MA: FAPEMA, 2008.

____. **Século XXI: a nova era da precarização estrutural do trabalho?**. In: Antunes, Ricardo; BRAGA, Ruy. (Orgs.) Infoproletários: a degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo, 2009a.

____. **A substância da crise**. In: MÉSZÁROS, I. A crise estrutural do capital. São Paulo: Boitempo, 2009b.

____. **O continente do labor**. São Paulo: Boitempo, 2011a.

____. **Adeus ao trabalho?:** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2011b.

____. **O sistema de metabolismo social do capital e seu corolário, a alienação, na obra de István Mészáros**. In: JINKINGS, Ivana; NOBILE, Rodrigo (Orgs.). István Mészáros e os desafios do tempo histórico. São Paulo: Boitempo, 2011c.

ARAÚJO, R. R. D.; SACHUK, M. I. **Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas**. Revista de Gestão USP. v. 14, n. 1, p. 53-66, 2007.

BENEVIDES, Tânia Moura. **Vendendo dinheiro e precarizando o trabalho: as transformações do trabalho bancário em Salvador**. 2012, 225 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal da Bahia, 2012.

BENEVIDES, Tânia Moura; RIBEIRO, Denise. **Os Significados do Trabalho para os Permissionários do Centro Comercial de Camaçari: Uma Primeira Análise**. ENEO, 2014.

BORGES, Livia de Oliveira; YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. **O mundo do trabalho**. In: ZANELLI, J.; BORGES-ANDRADE, J.; BASTOS, A.. (Org.). Psicologia, organizações e trabalho no Brasil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. 7. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2008.

COUTINHO, Maria Chalfin. **Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2009, vol. 12, n. 2. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25749/27482>. Acesso em: 10 abr. 2014.

DIAS, Maria Sara de Lima. **Sentidos do trabalho e sua relação com o projeto de vida de universitários**. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~ppgp/Maria%20Sara%20de%20Lima%20Dias.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2014.

DAL MAGRO, Márcia Luíza Pit and COUTINHO, Maria Chalfin. **Os sentidos do trabalho para sujeitos inseridos em “empreendimentos solidários”**. *Psicol. estud.* [online]. 2008, vol.13, n.4, pp. 703-711. ISSN 1413-7372. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_

pdf&pid=S1413-73722008000400008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 01 abr. 2014.

DOURADO, Débora Paschoal, et al. **Sobre o sentido do trabalho fora do enclave de mercado.** Cadernos EBAPE. BR, v. 7, n° 2, artigo 10, Rio de Janeiro, Jun. 2009.

GORZ, André. **Adeus ao proletariado: para além do socialismo.** Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1980.

____. **Crítica à divisão do trabalho.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

____. **Misérias do presente, riqueza do possível.** São Paulo: Annablume, 2004.

____. **O imaterial: conhecimento, valor e capital.** São Paulo: Annablume, 2005.

JOB, Fernando Pretel Pereira. **Os Sentidos do Trabalho e a Importância da Resiliência nas Organizações.** São Paulo: EAESP/FGV, 2003.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LUCHESE, Gabriela Terezinha. **Os sentidos do trabalho: um estudo de caso em uma Instituição de Ensino Superior.** Unoesc & Ciência – ACSA, Joaçaba, v. 1, n. 1, p. 79-88, jan./jun. 2010. Disponível em: editora.unoesc.edu.br/index.php/acsa/article/download/141/31 . Acesso em: 20 abr. 2014.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política: salário, preço e lucro; o rendimento e suas fontes; a economia vulgar.** São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MÉSZÁROS, István. **O século XXI: socialismo ou barbárie?.** São Paulo: Boitempo, 2003.

____. **Desemprego e precarização: um grande desafio para a esquerda.** In: Riqueza e miséria do trabalho no Brasil. Org: Ricardo Antunes. São Paulo: Boitempo, 2006.

____. **Para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2009a.

____. **A crise estrutural do capital.** São Paulo: Boitempo, 2009b.

MORIN, Estelle M.; TONELLI, Maria José; PLIOPAS, Ana Luisa Vieira. **O Trabalho e Seus Sentidos.** In: Encontro nacional da associação dos programas de pós-graduação em administração, 27, 2003, Atibaia. Anais. Atibaia: Anpad, 2003.

MORIN, Estelle. **Os Sentidos do Trabalho.** RAE – Revista de Administração de Empresas, São Paulo: v. 41, n. 3, p. 8-19, jul./set., 2001.

____. **Os sentidos do trabalho.** Revista de Administração (RAE Executivo), n. 1, p. 70-75, ago./set./out. 2002.

NATIVIDADE, Michelle Regina da; COUTINHO, Maria Chalfin. **O trabalho na sociedade con-**

temporânea: os sentidos atribuídos pelas crianças. *Psicol. Soc.* [online]. 2012, vol.24, n.2, pp. 430-439. ISSN 0102-7182. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0102-71822012000200021&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 08 abr. 2014.

OFFE, Claus. **Problemas estruturais do estado capitalista.** Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1984.

OLIVEIRA, Roberto Veras de; MENDONZA, Roberto. **Introdução: os sentidos do trabalho em discussão.** Disponível em: http://www.ch.ufcg.edu.br/arius/01_revistas/v13n1/00_arius_13_1_introducao.pdf. Acesso em: 19 abr. 2014.

PADILHA, Valquíria; CARNEIRO, Lara. **Os trabalhadores pelas lentes dos discursos das cartei-ras de trabalho no Brasil.** In: NAVARRO, Vera Lúcia; PADILHA, Valquíria. *Retratos do trabalho no Brasil.* Uberlândia: EDUFU, 2009.

PANIAGO, Maria Cristina Soares. **Mészáros e a incontrolabilidade do capital.** Maceió: EDUFAL, 2007.

SENNETT, Richard. **Respeito: a formação do caráter em um mundo desigual.** Rio de Janeiro: 2004.

_____. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo.** 13. ed. Rio de Janeiro: 2008a.

_____. **O artífice.** Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Maria Ozanira da Silva; YAZBEK, Maria Carmelita. **Políticas públicas de trabalho e renda no Brasil contemporâneo.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária.** 3. ed. São Paulo: Pólis, 1982.

TONET, Ivo; NASCIMENTO, Adriano. **A Centralidade do trabalho.** In: TONET, Ivo; NASCI-MENTO, Adriano. (Org.). **Descaminho da esquerda.** São Paulo: ALFA-OMEGA, 2009.